

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI Marina de Andrade. **Metodologia do trabalho científico**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1992.

NIETZSCHE, Friedrich. **Crepúsculo dos ídolos**. São Paulo: Hemus, 1984.

_____. **Além do bem e do mal**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

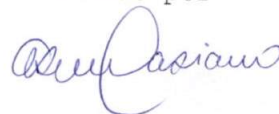
_____. **Assim falava Zaratustra**. 2. ed.. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

_____. **O Anticristo**. 8. ed. Lisboa: Guimarães Editores, 1994.

_____. **Humano demasiado humano**: um livro para espíritos livres. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

_____. **Ecce Homo**. Porto Alegre: L& PM, 2003.

Revisado por



6. CONCLUSÃO

Ao concluir este trabalho, pude notar que ao estudar a filosofia nietzscheana é inevitável perceber onde a maioria percebe um horror, um grande amor, sem medida e sem limites, que é o que Nietzsche dispensa à vida. Pois, a luta de Nietzsche é de imediata e suprema vontade de destruir todo o arsenal de mentiras que até hoje se usou para desmerecer a vida. Nietzsche vem lutar contra a ignorância e a escravatura que vêm-se arrastando há milênios. Nietzsche luta contra o sufocamento dos instintos de força, vaidade, orgulho e tantos outros que a moral niveladora arrastou para o esquecimento. Ele vem a ser o modelo para os que ainda enxergam esta necessidade de crescimento. É por isso que se lê nos títulos do "Ecce Homo", sua biografia, títulos ensimesmados, tais como: porque escrevo bons livros, porque sou um destino, e tantos outros que à primeira vista, chocam qualquer leitor mal informado.

Nietzsche veio anunciar e prenunciar o super-homem, o fulcro da superação humana. Ele acredita na audácia e força deste modelo de fortes. O super-homem e a superação humana são algo tão importantes, que, para Nietzsche, destes depende o futuro da humanidade, depende dos super-homens, capazes de se sobreporem à fraqueza, e não da integração destes ao rebanho comum dos fracos.

cristianismo, ou Shopenhauer - ele fareja a decomposição...” (NIETZSCHE, 2003, p.85).

Nietzsche nos mostra que o homem que se superou não teme ser imoral, não teme ser tachado ou incompreendido. Ele é prova real das palavras nietzscheanas de que: *“Independência é algo para bem poucos: é prerrogativa dos fortes”*. (NIETZSCHE, 1992, p. 36). Ele não sente mais a cruel necessidade de ser contado no número dos bons, dos eleitos pela convenção, ele enxerga que os ditos bons do cristianismo são simplesmente espíritos fracos que não podem ser senhores de sua própria razão, vivem de repetições. Como o próprio Nietzsche disse: *“Esses bons cedem, rende-se a sua memória, repete como um eco e a sua razão obedece, não se ouve a si mesma!”* (NIETZSCHE, 1993, p.163). Nietzsche vem dizer que o homem que se superou é capaz de ver que tudo o que aos ditos bons apregoam, não pode servir de padrão para sua vida, pois Nietzsche não se amedronta de seguramente dizer que: *“Tudo quanto os bons chamam de mal deve reunir-se para nascer uma verdade.”* (NIETZSCHE, 1993, p.163).

Nietzsche deixa claro na sua obra que, o homem que se superou, vive do seu próprio saber, do saber diferente e das alturas. O saber do agora não pode mais basear seus atos, porque: *“Ao lado da consciência réproba cresce todo o saber até hoje!”*. (NIETZSCHE, 1993, p.163). É por isso que ele profere este conselho: *“Quebrai as antigas tábuas; vós que aspirais ao conhecimento”*. (NIETZSCHE, 1993, p.163). O viver do que se superou está fora dos padrões do que espera a raça gregária. Ele não busca jamais se ajuntar aos fracos, o homem que se superou na visão nietzscheana destaca-se pela sua independência do meio, Nietzsche deixa isso bem claro num dos trechos de sua obra, além do bem e do mal, nestes termos: *“Todo homem seletivo procura instintivamente seu castelo e seu retiro, onde esteja salvo do grande número, da maioria, da multidão; onde possa esquecer a regra “homem”, enquanto exceção a ela”* (NIETZSCHE, 1992, p. 33). Consciente de ser a exceção a toda a fraqueza, o homem que se superou vive da delícia de sua descoberta. Ele não está no caminho como aquele que não consegue entender o que se passa, aquele que não é mais verme. Porém, não consegue ser super-homem. Ele, que se superou, vive como um deus em meio a mortais, seu delicioso alimento é sua verdade como disse Nietzsche nestes termos: *“O que serve de alimento ou de bálsamo para o tipo superior de homem, deve ser quase veneno para um tipo bem diverso e menor”*. (NIETZSCHE, 1992, p. 37).

desapareçam, que sumam, pois tirando os seus ouvidores predestinados: *“o que importa o resto? — o resto é somente a humanidade. — É preciso ser superior a humanidade em força, em grandeza de alma, — e em desprezo”* (NIETZSCHE, 1994, p. 14).

Enfim, o homem que se superou é aquilo que Nietzsche busca. Isso porque quem se supera, conseqüentemente, torna-se o que se é. E, então vê, pensa e não receia mais a delícia do ser, o que faz Nietzsche deixar isso claro quando diz: *“Não se acovardes diante das tuas ações! _ o remorso da consciência é indecente”* (NIETZSCHE, 1984, p. 10). O homem que se superou sabe que não é no outro que precisa buscar compreensão nos seus contemporâneos. O próprio Nietzsche sentia-se um ser extemporâneo; ele não tinha um sentimento de contemporaneidade com os de sua época. Em sua obra via irreversivelmente, o repúdio e a desaprovação de todos quanto o rodeavam. Consciente disso foi disse no seu “Ecce Homo”: *“Quem sabe respirar o ar das minhas obras, sabe que ele e um ar das alturas, um ar vigoroso. A gente deve ter sido feito para ele, caso contrário, não é nem um pouco insignificante o perigo de se resfriar em contato com ele”*. (NIETZSCHE, 2003, p.17).

Quando é dito que o homem que se superou é solitário, esta pode ser apresentada como uma verdade incontestada da filosofia nietzscheana. O próprio Nietzsche sentiu na pele a dureza de estar num lugar sem ser compreendido, de se sentir extemporâneo em meio a seu próprio povo, a dor de não ser compreendido, tudo isso dado a pequenez dos homens medíocres, como podemos ver claramente neste trecho do “Ecce Homo”: *“O desequilíbrio entre a grandeza da minha tarefa e a pequenez de meus contemporâneos ficou expresso no fato de que não me ouviram, nem sequer me viram. Eu vivo jogado a minha própria sorte...”* (NIETZSCHE, 2003, p.15). É por esta razão somente que não é feita por Nietzsche nenhuma promessa de mudar o mundo, a sua filosofia não é uma lei e sim o convite que foi aceito pelo super homem: *“A última coisa que eu haveria de prometer seria melhorar a humanidade”* (NIETZSCHE, 2003, p.16). A sua complacência não chega a tanto por conhecer a capacidade pequena que a humanidade tem de aceitar verdades novas. É por isso que o homem que se superou sendo dionisíaco, conhece já o fim lógico que se chega ao observar todas estas teorias cristãs e semelhantes no crivo da lógica, pois *“quem não apenas compreende a palavra “dionisíaco” mas se compreende na palavra “dionisíaco” não tem necessidade de refutar Platão, ou o*

isso é tudo mentira, mal e bem já não tem o mesmo valor, agora o mau é o covarde e, é por isso que se tem dito: *“Desterra para longe de si tudo o que é covarde; diz ela: mau é o que é covarde”*. (NIETZSCHE, 1993, p. 155). Compreende-se, assim, porque Nietzsche desacredita das doutrinas igualitárias, que lhe parecem imorais. Pois, impossibilitam que se pense a diferença entre os valores dos senhores e dos escravos. Esse é o homem que hoje já mostra muitos de seus exemplares, o homem do devir. O que trará as novas tábuas não mais presas aos conceitos do bem e do mal, ele é um ser que não está ligado a sua época, ele é um espírito livre dentro desta inigualável explicação nietzscheana: *“É chamado de espírito livre aquele que pensa de modo diverso do que se esperaria com base em sua precedência, seu meio, sua posição e função, ou com base nas opiniões que predominam em seu tempo”* (NIETZSCHE, 2000, p. 157). Esses espíritos livres e que farão a diferença por serem os melhores, por não aceitarem à nivelção imposta pelos que estando colocados em suas cátedras de virtudes, querem impedir a todo custo que suas tábuas sejam quebradas. Nisto, em fazer com que se preservem as tábuas se concentra a essência da real crítica que fazemos, pois tais críticas nada mais são do que torpes mecanismos de coerção. Aferrolhar os mais fortes, mantendo-os vigiados ou aprisionados. Cercam-nos para assim mantê-los num regime de subjugação de si mesmos, de reclusão ascética, fazendo de tudo para que eles não tenham consciência da sua importância. O indivíduo é um ruído em potencial e lançar-se ao mundo é um desafio de máxima projeção, de máxima afirmação da vida.

Embasado por sua nova moral, o homem que se superou tem por sua morada à casa da montanha, os altos picos, acompanhado pela águia e pela serpente, bem distante da moralidade convencional e do cristianismo, que nada faz além de tentar a toda maneira, subjugar-lo. Fazê-lo menor a qualquer custo aparenta ser a moral cristã, a mesma moral a que o homem que se superou já não quer mais obedecer. Ele só obedece as leis que ele mesmo faz. O homem que se superou é o legislador de si mesmo e o autor das suas próprias e exclusivas regras, o populacho. É desmerecido a todo o momento, porque envenena tudo o que toca. O seu sentimentalismo mela tudo, tem bocarra grotesca e sede insaciável. Chega a duvidar de que a vida tenha a necessidade deles. Podemos notar que o homem que se supera não permanece mais junto ao populacho. Isto porque ele não tem consolo para o corcunda, para o doente, para o fraco e covarde. Quer que eles

por ter conhecido as diversas religiões e ter escolhido entre elas" (NIETZSCHE, 2000, p. 156). Este trecho demonstra bem a diferença marcante do super homem, ou homem que se superou como melhor aprouver, ele não é guiado pelo populacho, ele está afastado, ele é o que o grande anunciador Zaratustra chama de "alma nobre", que luta pelo que quer e nada quer gratuitamente: e menos que tudo a vida. Ele é maior assim como a presença e o fascínio que exercem sobre os demais, por sua olímpica arrogância.

Os maiores inimigos do homem que se superou são os sacerdotes, os pregadores da morte, seres vingativos que detestam a vida e veneram o além. Eles são a antítese do homem superado segundo as palavras do próprio Nietzsche (1994, p. 22-25) quando diz: *"É necessário que digamos quem consideramos como nossa antítese: — os teólogos e todo aquele que tem nas veias sangue de teólogo, — toda a sua filosofia..."* Concomitantemente, tornam-se também antítese do homem superado, o cristianismo com sua moral de escravos, de gente impotente e ressentida com a vida e com o seu corpo, do qual o homem que se superou não tem vergonha. Ele se exhibe, se mostra, aceita a sensualidade como natural e não tem a mínima idéia do que é ou representa o pecado. A vida é proliferação e exuberância, os pregadores da morte e menosprezadores da vida não pensam assim. E Zaratustra lhes diz nestes termos, uma verdade incontestável ao homem que se superou: *"Por isso vos revoltais contra a vida e a terra. No olhar oblíquo do vosso menosprezo, transparece uma inveja inconsciente"*. (NIETZSCHE, 1993, p. 30). O homem que se superou ama o domínio, o amor e a crueldade. Em seguida a isso, ama os valentes, os corajosos, os que dizem sim à vida, os audazes que não se prendem aos limites e não temem o desconhecido, aos contrários a isso ele diz: *"Eu não sigo o vosso caminho, desprezadores do corpo! Vós, para mim não sois pontes que se encaminhem para o Super-homem"*. (NIETZSCHE, 1993, p. 30). O homem que se superou cria novas tábuas para se contrapor aos ditos bons os quais segundo o anunciador *"falsearam e desnaturalizaram radicalmente as coisas"* (NIETZSCHE, 1993, p. 174).

Entre as coisas que o homem que se superou mais odeia, figura a idéia de igualdade defendida pelos democratas e pelos socialistas. O injusto é tentar fazer iguais os desiguais. O valor do rebanho tenta fazer todos iguais, a moral de escravos é niveladora. Nietzsche não, ele é um apologista da distinção. A mentira da religião achou por bem dizer, que todos são iguais e, na visão do homem que se superou

Este tipo de elevado valor existiu já por mais de uma vez; mas como um feliz acaso, como uma exceção, nunca como um tipo desejado. Pelo contrário, foi precisamente o tipo mais temido até ao presente, quase que foi a realidade temível por excelência — e esse temor engendrou o tipo inverso, desejado, criado, conseguido: o animal doméstico, a rês gregária, a enferma besta humana — o cristão...

Liberto das cargas pesadas e inibidoras da moralidade cristã e burguesa em que foi educado e formado, o homem que se superou, seguramente, é forjador de uma nova moralidade. Habitando "a casa da montanha" ou a floresta, incessantemente superando a si mesmo, altivo como a águia e astuto como a serpente que acompanham Zaratustra, "o seu anunciador", ele, com seus colaboradores, chamados de "destruidores e desprezadores do bem e do mal", inscreverá "valores novos ou tábuas novas". Ele é o vir a ser, ele é o futuro. O Zaratustra de Nietzsche ao falar dos místicos e dos pregadores da fatalidade deixa bem claro que quando se cria em fatalidade se dizia: *"tudo é fatalidade: tu deves porque é necessário"* Agora, para o homem que se superou o parâmetro, é outro. Este diz: *"tudo é liberdade: podes porque queres!"* (NIETZSCHE, 1993, p. 164). O que faz o homem que se superou fugir do cristianismo é justamente porque ele conhece que o cristianismo *"travou uma guerra de morte contra este tipo de homem superior, renegou todos os instintos fundamentais deste tipo e desses instintos destilou o mal, o negativo"* (NIETZSCHE, 1994, p. 18-19). Assim como Nietzsche, o que se superou não pode aceitar isso passivamente. Ele não pode aceitar tamanha burrice, ele encarna o sentimento de Nietzsche quando este diz no seu "Ecce Homo": *"Eu sou antiasno 'par excellence' e por isso um monstro histórico -universal- eu sou, em grego, e não apenas em grego, o anticristo..."* (NIETZSCHE, 2003, p. 74). Onde se vê profundidade o homem que se superou vê apenas uma superficialidade inigualável, porque segundo Nietzsche: *"As explicações místicas são consideradas profundas. Na verdade falta-lhes ainda muito para que sejam superficiais"* (NIETZSCHE, 1984, p.104).

Como se reconhece o homem que se superou? Pela personalidade extraordinária e pelo caráter forte, inquebrantável. Não pelo nascimento nem pela educação, pois o superado é aquele que transcende estes fatos, ele é um espírito livre no seu sentido pleno Nietzsche nos diz bem sobre isso num magnífico trecho do seu "Humano Demasiado Humano" que diz: *"O espírito cativo não assume uma posição por esta ou aquela razão, mas por hábito; ele é cristão, por exemplo, não*

5. O HOMEM QUE SE SUPEROU

Ao finalizar este trabalho, tendo aludido a tantas formas de pensar e ainda tentado mostrar de tantas formas, o espírito superior, esclarecendo e buscando introjetar a verdadeira vontade de poder como motor do homem, resta-nos então, esclarecer e criar um modelo para o homem que se superou, àquele que conseguiu vencer as mazelas de sua existência sombria, o “para além do homem” que Nietzsche ousou propor. Ele é, pois, um amalgama e também uma síntese das idealizações anteriores. Porém, o super-homem (ou homem que se superou) nietzscheano não esboça nenhuma ação para prover as multidões, nem vem para libertá-las de regimes injustos e opressores. Ele vem sim, para criar o fim do homem, pois em suas palavras *“só o que cria o fim dos homens é o que dá o sentido de futuro à terra, só esse cria o bem e o mal de todas as coisas”* (NIETZSCHE, 1993, p. 160). O homem que se superou já não precisará mais de suas tábuas de leis, pois ele já deu lugar ao riso e ao torpor de quem já conhece a sutileza da liberdade, quanto ao seu passado maculado agora só pode ser um motivo de riso. Algo que ao olhar para trás o Zaratustra de Nietzsche pode dizer: *“Sentei – me à beira a sua grande rua de sepulturas, até entre os abutres, e ri - me de todo o seu passado e do triste esplendor desse passado ruinoso”* (NIETZSCHE, 1993, p. 160).

Ao contrário do que se pode pensar, o homem que se superou não será o irmanado ou herói; ele é um egocêntrico, que, ao contrário do herói, irá tentar opor-se às multidões, às massas. Ele se identifica com a força e com a soberba e não com o desvalimento e a tibiez. Com o punho duro, fechado, que brada uma exigência ou uma ameaça, e não com a mão trêmula e arqueada do pedinte. Ele é corpóreo, é sensual, ama a vida e fascina-se pelo domínio de si e o que exerce sobre os outros. Pois, segundo Nietzsche (1993, p. 162) *“O que não pode mandar a si mesmo deve obedecer”*. Quer ser grande, quer ser reconhecido, pois “o mundo gira em torno dos inventores de valores novos: gira invisivelmente; mas em torno do mundo giram o povo e a glória; assim andá o mundo”.

Desprezar a religião cristã, com seu Deus morto, eis mais uma característica do homem que se superou. O Cristianismo para o superado é uma teologia de ressentidos, uma fé de enfermos e de desgraçados que cria uma sub-raça que, Nietzsche (1994, p. 17) define nestes termos ao falar do valor do homem que se superou, traçando um paralelo entre ele e essa sub-raça:

assumir seu lugar para dizer impreterivelmente, eu quero. Se bem que, o leão não consiga ainda criar os novos valores, ele pelo menos, assentado na sua força e vigor, sacode para fora a canga que afligia o pobre camelo. Dá-se então, a derradeira transformação - o leão vira criança. Sim, porque a criança é esquecimento, é um novo começo, é o embrião do super-homem que, ao crescer e desenvolver-se, "quer conseguir o seu mundo".

A nova era que nasce. O tudo por fazer que se descortina numa nova situação, num mundo novo que se livrou do passado opressivo. É por isso que Nietzsche de peito aberto, não teme dizer: "Deus morreu" e nós o matamos, pois disso depende a transformação engendrada pelo homem que se superou.

passados. Isto é, instituir a idéia do Bem e do Mal. A esse respeito ele diz: *"Zaratustra criou esse mais fatal dos erros, a moral: por consequência, ele também tem de ser o primeiro a reconhecê-lo."* (NIETZSCHE, 2003, p. 146). Podemos notar neste trecho o prazer que o pensador tem de aturdir e subjugar. Assim ele arremata sua colocação sobre o Zaratustra na sua obra "Ecce Homo": *"A auto superação da moral através da veracidade, a auto- superação do moralista em seu contrário – em mim – é isso que significa em minha boca o nome Zaratustra."* (NIETZSCHE, 2003, p. 147). A prova máxima de que as velhas tábuas não só podem como a partir de agora serão quebradas os chandalas, serão a partir de então obrigados a assinar sua retratação. O próprio conceito de Deus não deixa de ser censurado por Nietzsche que conduz a construção de um pensamento racional contra a moral vingativa do cristianismo, nestes termos:

Como? Um Deus que ama os homens contando que creiam nele! Um Deus que lança terríveis ameaças e olhares aqueles que não tem fé nesse amor! Como? Um amor com cláusulas, tal seria o sentimento do Deus todo poderoso? Um amor que nem consegui vencer o ponto de honra, nem a sede de vingança irritada! Como tudo isso e oriental!. Se te amo, que tens a ver com isso? Eis uma frase suficiente para criticar todo cristianismo. (NIETZSCHE, 2003, p. 110).

Um exemplo de transmutação fica claro no Zaratustra de Nietzsche quando num primeiro momento da história espiritual do homem, pelo menos o de espírito sadio, ele não passa de um camelo, que, como o desgraçado animal, apenas ajoelha-se e agradece quando lhe dão uma boa carga. Carrega pelo deserto as culpas por ter nascido. Na sua humilde corcova avoluma-se as penas do mundo, sobrecarregado pelas regras morais e pelas imposições que lhe fazem. O espírito do homem na sua época religiosa e cordata, conforme com seu destino de animal de carga, submetido ao grande dragão, encontra-se sob o imperativo do "Tu deves", imperativo este que segundo Nietzsche é feito pelo grande dragão Ele assim nos afirma quando pergunta: *"Qual e o grande dragão a que o espírito já não quer mais chamar Deus nem senhor?"* (NIETZSCHE, 1993, p. 24). Deixando a dúvida no ar para depois adiante responder categórico: "Tu deves", assim se chama o grande dragão", o dragão que apreende todos os valores! Porém, no deserto, isolado, dá-se uma transformação. O camelo vira um leão. É o espírito que, liberto, quer ser "o senhor do seu próprio deserto". Agora é ele quem, rugindo desafiante, responde - eu quero!. Aqui, na afirmação do leão, se vê uma necessidade que Nietzsche coloca

(NIETZSCHE, 2003, p.144). Nietzsche na sua obra deixa bem claro que a transvaloração é o caminho. Ele se põe como exemplo e modelo de descobridor da mentira instituída há milênios pelos que querem sempre pastorear o rebanho.

Para Nietzsche, o cristianismo divide a existência humana entre o "vale de lágrimas" do mundo terreno e a felicidade eterna do paraíso além-túmulo. Tal como o platonismo, que despreza os objetos sensíveis, a religião cristã concebe o mundo terreno como imperfeito, irreal e aparente — o que gera o pessimismo, o medo, a desesperança típicos do homem ocidental. Quanto a esta resolução Nietzsche deixou bem claro que foi somente isso a causa da depreciação da vida: "*A resolução cristã de achar o mundo feio e mal tornou o mundo feio e mal*" (NIETZSCHE, 1984, p.106).

Ao anunciar a "morte de Deus", ele se refere à abolição dos valores impostos pela metafísica, que não passam de invenções humanas. Para ele é necessário que os homens superem a metafísica. Para o homem comum, a "morte de Deus" é algo dramático, pois marca o fim da segurança e conforto oferecidos por uma verdade absoluta. No entanto, para Nietzsche, ela é um acontecimento cultural e existencial necessários para purificar a terra e o próprio homem. É aí que a transvaloração se mostra necessária se o valor antes era medido pelos preceitos morais da divindade através dos seus representantes. Agora, se busca uma imoralidade própria do ser humano. A filosofia nietzscheana está baseada nisso, como ele mesmo diz quando fala:

A filosofia, assim como a entendi e vivenciei até agora, é a vida espontânea no gelo e nas montanhas mais altas— a procura de tudo que é estranho e duvidoso na existência, de tudo aquilo que até agora foi excomungado pela moral. (NIETZSCHE, 2003, p. 47).

O que Nietzsche faz no seu Zarathustra com seu personagem é o que ele acredita, faria Cristo se tivesse tido tempo, se retrataria do seu fatal erro. Zarathustra ou Zoroastro, fundador da religião persa, foi um profeta ariano que por volta de 600 a.C. pregou a existência do Bem e do Mal como entidades distintas e totalmente antagônicas. Até então, a crença geral era de que o mesmo deus era capaz de uma coisa, como a outra. A escolha deste por parte de Nietzsche, tratou-se de uma provocação; pois, o Zarathustra ficcional dele retornou a cena exatamente para desfazer o que o real profeta ariano fizera há mais de dois mil e quinhentos anos

Homens superiores - assim diz a população: - não há homens superiores: todos somos iguais; perante Deus, um homem não é mais do que outro: todos somos iguais!
 Perante Deus! Mas agora esse Deus morreu; e perante a população nós não queremos ser iguais. Homens superiores fujam da praça pública!
 (NIETZSCHE, 1993, p. 231).

A fuga da praça pública conseqüentemente, é a fuga do perigo do juízo daqueles que nos intentam compreender e criticar. O homem da transvaloração deve se abster da necessidade constante do juízo alheio. Pois, segundo Nietzsche *"mesmo por aqueles que nos são mais próximos, somos julgados erroneamente"* (NIETZSCHE, 2000, p.209). Esta consciência que Nietzsche traz mostra por que ele considera o homem uma meta e, portanto, não deve-se deter na opinião do populacho para assumir suas responsabilidades com a superação. O próprio Nietzsche nunca deixou de ter consciência de que suas posições, assumidamente radicais, teriam conseqüências terríveis nos anos vindouros. Que para ele seriam tomados por uma reação contra-revolucionária de dimensões espantosas a sua tão querida e necessária transvaloração. No "Ecce Homo", por exemplo, ele reconhece: *"Eu conheço meu fado. Um dia haverão de unir ao meu nome a lembrança de algo monstruoso – uma crise como jamais houve outra na terra, na mais profunda colisão de consciência, em uma decisão evocada contra tudo aquilo que até então havia sido acreditado, reivindicado, santificado.... Eu não sou um homem, sou dinamite"* (NIETZSCHE, 2003, p. 144). Esta colocação mostra por que a nova valoração feita por Nietzsche nivela o homem não no senso massificado, mas sim na crença em si mesmo; na sua própria autonomia enquanto ser pensante e independente. Nietzsche é a dinamite moral contra tudo o que é pré-estabelecido. Ele faz explodir e criar ânimo tudo o que está parado e inerte; apenas esperando ordens. Por isso ele proclama: *"eu não quero crentes"* (NIETZSCHE, 2003, p. 144). Seu medo maior é o da conotação de santarrão que acaba sempre colocada sobre os que trazem verdades novas. Sobre elas, ele lamenta: *"Mas a minha verdade é terrível: pois até hoje a mentira é que foi chamada de verdade..."* (NIETZSCHE, 2003, p. 144). Assim sendo, ele deixa claro a sua missão e o porquê de sua necessidade de ser como "um destino" como ele mesmo se nomeia nos imodestos subtítulos do "Ecce Homo", onde ele expressa a frase que faz a epígrafe desta nossa colocação sobre o transvaloração como meio para a superação: *"Transvaloração de todos os valores: esta é a minha fórmula para um ato supremo da autoconscientização da humanidade"*

a humanidade. A resignação, a docilidade e o servilismo, por sua volta. Serão sucedidos pela ação, pela inconformidade e pelo domínio - A lamúria do resignado, cederá lugar ao grito dos fortes. Todas estas afirmações são possíveis, tendo-se a consciência de que Nietzsche divide a moral do mundo entre moral de senhores e moral de escravos. Sendo que o valor que deve nortear o critério do que é bom, verdadeiro e belo é a vontade do forte. Trocando em miúdos e esculpindo o pensamento de Nietzsche a grosso modo: é bom o que vem da força, é mau o que vem da fraqueza.

O Zaratustra vem cercado da águia e da serpente; símbolos mor da astúcia, da arrogância. Enquanto Cristo do cordeiro e do peixe, os favoritos de Cristo, os ícones da mansidão, da quietude e da simplicidade. Se Cristo pregou o Sermão da Montanha para os pobres de espírito, Zaratustra lança sua isca para alçar os destemidos. O seu é um Evangelho dos Fortes. Sua mensagem não é para todos, é para poucos, tão poucos que ele chega a dizer no seu Zaratustra aos que por ventura não suportarem o caminho ou não conseguirem assumir o compromisso por completo:

As coisas por metade, prejudicam o todo. Se há folhas que murcham, por que se há de queixar uma pessoa?

Deixa –a cair Zaratustra, e não te queixes! Pelo contrario: varre – as com o sopro do seu vento; varre essas folhas Zaratustra! Aparte-se de ti tudo quanto é murcho! (NIETZSCHE, 1993, p.232).

O caminho é perigoso. Esta é a razão por que muitos pensam em parar. A idéia da necessidade da formação de uma nova elite, não contaminada pelo cristianismo e pelo liberalismo e que ao mesmo tempo os transcendesse. Acometeu Nietzsche, que desde muito cedo se mostrou obcecado pela formação de uma seleta falange intelectual responsável pela transmutação de todos os valores, cuja obrigação e dever maior era a proteção de uma cultura superior ameaçada pela vulgaridade democrática. Nietzsche não quer o seu homem superior nivelado aos pequenos moralmente falando, ele sabe que as suas idéias não serão bem-vistas. Então, adverte:

O homem superior: Homens superiores aprendam isto comigo: na praça pública ninguém acredita no homem superior. E se teimais em falar lá à populaça, dizei: 'todos somos iguais'.

4. O CAMINHO PARA A SUPERAÇÃO: A TRANSVALORAÇÃO

Transvaloração de todos os valores: "esta é a minha fórmula para um ato supremo da autoconscientização da humanidade".

Nietzsche (1984, p. 87)

Falar do caminho para a superação, assim como falar de qualquer assunto em Nietzsche acaba-se tornando como voltar no mesmo ponto, afirmar as mesmas coisas, isso porque a filosofia de Nietzsche pode ser resumida em poucas frases, as quais ele dá a graça de imperativos,. Quem profere tais imperativos por Nietzsche é o seu alter ego, o seu Zarathustra, que é pois, um Anticristo. Ele fez o caminho oposto do messias cristão, não veio do deserto como Jesus Cristo, mas sim, desceu do alto da montanha, do fundo da caverna. Seu foco não são os vermes do dia-a-dia; ele não se dirige aos pobres, aos humildes, aos doentes, aos perdidos e aos fracos; muito menos lhes promete o Reino dos Céus. Seu público é outro. É o dos vencedores, dos afirmadores da vida, os que querem viver o aqui e o agora, tendo a Terra como seu único reino. A busca agora e pela nova moral, ante a moral de escravos, é necessário ser imoral, porque "*a moralidade e o instinto de rebanho no indivíduo*" (NIETZSCHE, 1984, p.99), a sua meta é atingir uma parte específica da humanidade, os homens superiores a quem Cristo ignorou. Zarathustra é sim um Cristo da elite. Pois, Nietzsche escreveu o evangelho do super-homem - o que anuncia um novo tempo, uma era em que Deus morreu, na qual o homem se apressa para assumir o poder na totalidade, na qual terá que arcar com as consequências morais e éticas de um mundo sem Deus. Essa preocupação como o homem é elucidada quando ele apresenta no seu Zarathustra sua preocupação como o homem superior:

Os mais preocupados perguntam hoje: "como se conserva o homem? Mas Zarathustra pergunta – e é o primeiro e único a fazê-lo: -- como será o homem que se superou?

O super-homem é que me preocupa; para mim é ele o primeiro e o único, e não o homem: não o próximo, o mais pobre, nem o mais aflito, nem o melhor (NIETZSCHE, 1993, p.232).

Tanta preocupação é porque o super-homem, operará a transvaloração. Tudo o que o cristianismo estigmatizara - o orgulho, o egoísmo, a riqueza, a vontade de poder, a sensualidade e a nobreza de espírito - deverá voltar a modelar e inspirar

e viver *“Derribar ídolos (a minha palavra para “ideais”) isso sim é que faz parte do meu ofício”* (NIETZSCHE, 2003, p. 16).

Ele entendeu o cristianismo que conosco se arrasta há milênios, como ele mesmo expressou: *“O cristianismo foi uma vitória; uma opinião mais distinta pareceu por ele, o cristianismo foi até ao presente a maior desgraça da humanidade”* (NIETZSCHE, 1994, p.100). As investidas nietzscheanas contra o moral cristã, mostram claramente sua real preocupação no seu ato de banir esta crença, ele é conhecedor da ausência de foco na investida cristã. Para ele *“quanto mais diminuir o império das religiões e de todas as artes da narcose, tanto mais os homens se preocuparão em realmente eliminar os males”* (NIETZSCHE, 2000, p. 85). Assim, com a supressão da moral de rebanho, do culto ao sofrimento implantado pelo cristianismo, o super-homem poderá reinar sobre a terra, nas palavras do próprio Nietzsche (1984, p. 107): *“agora é nosso gosto que decide contra o cristianismo, não mais os argumentos.”*

rabino, falsificou a felicidade proclamada por Jesus, reduzindo todo o simbolismo de Jesus a um sistema de barbáries, verdadeira luta contra os impulsos naturais. Nietzsche chega a dizer adiante: *“O que se deduz de tudo isso? Que para ler o Novo Testamento, é conveniente calçar luvas. A isso obriga a proximidade de tanta imundície”*. (NIETZSCHE, 1994, p. 88) O cristianismo ensina que o reino de Deus está nos corações dos homens. Mas, traiu essa instituição fundamental quando transformou o reino em outro mundo, um mundo do além. Tal deslocamento do centro de gravidade da vida para o além é o nada. Porque tira o centro de gravidade para a própria vida. Sócrates foi o primeiro filósofo da vida que pôs o pensamento a serviço da vida e não a vida a serviço do pensamento. Mas, tanto o socratismo como o cristianismo é decadente porque lutam contra os instintos. Para Nietzsche, a razão e toda vida psíquica têm a finalidade de estar a serviço da vida biológica. Ele fez de sua existência uma luta total pela valorização deste viver natural, desta vida verdadeira. A partir dessa visão só se pode sustentar o ateísmo reacionário de quem sabe como ninguém usar os recursos lógicos para argumentar em defesa da vida e da alegria de viver, como ele diz: *“O que é cristão é o ódio contra os sentidos, contra a alegria dos sentidos, contra a alegria em geral”* (NIETZSCHE, 1994, p. 43).

Nietzsche ao mostrar em sua filosofia o amor à vida, concomitantemente mostra também os desprezadores da vida, que abandonam o viver em função de negá-lo o quanto podem, e que de todas as maneiras possíveis buscam seu sufocamento. O cristianismo plantou essa semente em muitos corações. Do coração do pregador fluiu o veneno que desencadeia a morte dos sentidos em todos que com ele mantém contato, buscando de todas as maneiras silenciar o que pensa contrário a si, *“o que é cristão é um certo instinto de crueldade para consigo e para com os outros; o ódio aos que pensam de maneira diferente; a vontade de perseguir”* (NIETZSCHE, 1994, p. 42).

Ao findar esta análise da cultura judaica cristã, tendo aludido a perversão do cristianismo crendo não seja necessária, mas ainda assim fazendo, volto a explicar que Nietzsche não é um bicho papão como ele mesmo fez questão de dizer no início do seu “Ecce homo”, ele apenas busca na sua crítica ao cristianismo, derrubar certos ídolos (ideais) que surgiram no decorrer da nossa história; pois como ele mesmo disse: *“A mentira do ideal foi até agora a blasfêmia contra a realidade”* (NIETZSCHE, 2003, p.16). Nas suas palavras ele coloca isso como sua razão de ser

homem a envergonhar-se de todos os seus instintos. Portanto, houve uma inversão dos valores. Tudo aquilo que era "débil", "humilde", "medíocre". Eles apresentaram como "bom", enquanto palavras tais como "nobreza", "honra", "valor", foram vistas como "mal": A vida humana se derribou na medida em que o cristianismo conseguiu injetar seus tentáculos de culpa nos seres amedrontados pela doutrina do castigo. Pois, nas palavras do próprio Nietzsche (1984, p. 36): *"O santo que agrada a Deus é o castrado ideal. A vida finda ali onde inicia o reino de Deus"*.

Para Nietzsche (1994), o cristianismo surgiu apenas como o desejo de luta de Jesus contra os poderosos de sua época. Ele descrê totalmente de outra concepção. Há um momento em que Nietzsche chega a chamá-lo de anarquista. E assim,, Nietzsche não só define quem era Jesus para ele, mas de certa forma explica o título de seu mais polêmico livro. Fica bastante claro que o que ele rejeita no dogma é o título de Cristo, isto é, Messias e ser divino. Para ele, Jesus de Nazaré foi um homem revolucionário e "anarquista santificado", que foi condenado à cruz única e exclusivamente por sua atividade política. Essa atividade foi, segundo o filósofo, uma revolta contra a igreja judaica – sendo a palavra igreja usada aqui na exata significação que tem hoje. Foi uma insurreição contra os bons e os justos, contra os 'profetas de Israel', contra toda a hierarquia da sociedade – não contra a corrupção, mas contra a casta, o privilégio, a ordem, o formalismo. Era a descrença nos 'homens superiores', um não lançado contra tudo que os sacerdotes e teólogos sustentavam. Referindo-se a Jesus ele disse do anticristo:

Esse santo anarquista que chamava o povo mais baixo, os réprobos e pecadores, os tchandala do judaísmo, à resistência contra a ordem estabelecida — com uma linguagem que ainda hoje conduziria Sibéria, a acreditar nos evangelhos— esse santo anarquista era um criminoso político, pelo menos tanto quanto era possível um criminoso político numa comunidade absurdamente apolítica. Isto levou-o a cruz: prova-o a inscrição que sobre ela existia. Morreu pelos seus pecados— não há razão para se pretender, apesar de o ter sido feito tantas vezes, que morreu pelos pecados dos outros. (NIETZSCHE, 1994, p. 55-56).

Em síntese há de se esclarecer que apesar de todas essas colocações, em se tratando de cristianismo o principal foco do desamor de Nietzsche é Paulo. Pois, segundo ele: *"Paulo era o maior dos apóstolos da vingança"*. (NIETZSCHE, 1994, p. 88). Na realidade, para Nietzsche, o que, historicamente se estabeleceu como cristianismo é o resultado da obra de Paulo de Tarso que com 'civismo lógico' de

O cristianismo dirigiu a rancune dos doentes contra os saudáveis, contra a saúde. Tudo o que é bem formado, orgulhoso, soberbo, a beleza, antes de tudo, molesta-lhe os ouvidos e os olhos. Recorda outra vez as inapreciáveis palavras de Paulo: " Deus escolheu o que há de fraco no mundo, o que é louco perante o mundo, o que é ignóbil e desprezado: isto é o que serviu de fórmula, 'in hoc' signo venceu a decadence. (NIETZSCHE, 1994, p. 99-100).

Ainda falando dessa total descrença nos valores da vida engendrada pela igreja cristã, Nietzsche fala mais em *Crepúsculo dos Ídolos*, quando diz mais isto sobre a igreja cristã: " *A igreja primitiva lutava como é sabido, contra os intelectuais em benefício dos pobres de espírito. Como esperar dela uma guerra inteligente contra as paixões*" (NIETZSCHE, 1984, p. 33). O próprio sentimento de amor à vida é presente na filosofia de Nietzsche na questão superação. Por isso, a súplica de seu Zarathustra aos que estão expostos à moral da vida além pela qual devemos perder a atual quando este diz: " *Exorto-vos meus irmãos, a que permaneçais fiéis à terra e não acrediteis naqueles que vos falam de esperanças supraterestrre. Conscientemente ou não, são envenenadores*" esse envenenamento aqui colocado é a castração da vontade natural, o plantio da radicalidade dos princípios. A moral passa a ser um método de extermínio e de total erradicação das paixões nas palavras do próprio Nietzsche quando diz: " *Mas atacar a paixão na sua raiz e atacar a raiz da vida, o processo da igreja e nocivo à vida.*" (NIETZSCHE, 1984, p. 34). Por ser assim da natureza castradora dos valores da vida é que a moral cristã sofre os danos da agressão do "amoral" Nietzsche, que a tacha como um instrumento de poder sobre os fracos; ele diz isso quando menciona a classe sacerdotal como na maioria das vezes, seres dotados de ressentimento, que desprezaram a vida em favor de uma vingança continuada no sacerdócio. Sobre aqueles é dito: " *Também entre eles há muitos heróis, muitos sofreram demais : por isso querem fazer sofrer os outros.*" (NIETZSCHE, 1993, p. 75). No *Anticristo*, Nietzsche mostra como a classe sacerdotal vive da miséria do pequeno humano, da criação da culpa acionada pelo pecado e da fraqueza criada por essa noção: " *o sacerdote vive do pecado, tem necessidade de que se peque... princípio supremo: Deus perdoa a todo àquele que faz penitência - ou, por outras palavras: ao que se submete.*" (NIETZSCHE, 1994, p. 54). Pode-se com clareza observar o instinto de fraqueza que o cristianismo quer introjetar nos homens. O resultado desse trabalho feito por séculos de pregação cristã, foi o enfraquecimento das energias vivificantes da sociedade ocidental; especialmente das suas elites, na medida em que o "doentio moralismo" ensinou o

Falando sobre isto Nietzsche (2000, p. 280) coloca ainda mais quando mais a frente na genealogia da moral falando ainda sobre o padre ele diz:

A dominação sobre sofredores e seu reino, a ela o encaminha seu instinto, nela ele tem sua arte mais própria, sua maestria, sua espécie de felicidade. Ele próprio tem de ser doente, tem de ser aparentado desde o fundamento aos doentes e enjeitados, para entendê-los — para se entender com eles; mas tem também de ser forte, mais senhor ainda sobre si do que sobe os outros, ileso, em especial, em sua vontade de potência, para ter a confiança e o medo dos doentes, para poder ser para eles amparo, resistência, esteio, coação, mestre de disciplina, tirano, Deus.

Um significado esquecido da palavra bom. Em latim, *bônus* significa também o guerreiro, significado este que foi sepultado pelo cristianismo, que colocando o homem na miséria da pequenez vem ser o falso doutor para a vontade perdida do ninho de sofredores que sua vontade escravista, sua vontade de nada nas palavras do próprio Nietzsche fez chegar até nós. Assim, como esse, outros significados precisariam ser recuperados; com isso poderia-se constituir uma genealogia da moral que explicaria as etapas das noções de "bem" e de "mal". Para Nietzsche (2000) essas etapas são o ressentimento ("é tua culpa se sou fraco e infeliz"); a consciência da culpa (momento em que as formas negativas se interiorizam, dizem-se culpadas e voltam-se contra si mesmas). A partir daqui, a vontade de potência torna-se vontade de nada e a vida transforma-se em fraqueza e mutilação, triunfando o negativo e a reação contra a ação.

Ao falar da moral de escravos que circunda a igreja, vemos suas próprias edificações, a causa da estupidez e do antinatural que sua doutrina prega, e também fica sabido que não se pode esperar das instituições religiosas, outro comportamento. Isto porque na base da moral cristã, a antinatureza o deixar de ser o que se é e está privilegiado, há uma suposta necessidade de lutar contra as paixões nocivas. Diga-se de passagem: todas estas falácias estão bem colocadas no sermão da montanha, num primitivismo que chega ao ponto de propor, arrancar olhos ou pernas. Sabido é que este primitivismo não podia ser superado pelo próprio meio e comportamento em que se desenvolveu o cristianismo, no qual, qualquer compreensão do aceite das paixões não podia ser acatado ou querido. Nietzsche diz que o próprio foco da religião cristã daquela época estava centrando nos humildes, nos fracos, nos menores, sobre isto Nietzsche nos adverte no seu Anticristo, quando diz a respeito do cristianismo:

para mim é o mesmo—contanto que se vão depressa”. Nietzsche traz à tona o modo como a igreja escraviza e destrói a capacidade humana de pensar por si só. Mostra, por exemplo, o grau de sibilosidade a que chegam os envenenadores da moral cristã. O padre, segundo Nietzsche, como o pregador da morte ou da vida eterna que Nietzsche afirma são a mesma coisa, dado que o fulcro da grandeza do cristianismo está na sua capacidade de amortilhar tudo que é natural e próprio do homem para em seu lugar colocar uma fraqueza e uma tibiez que assusta. Era essa a visão que Nietzsche tinha do padre, ele via nessa subclasse a pequenez humana e isso fica bem expresso neste trecho significativo do *Ecce Homo*: “*Um dia o mundo haverá de se referir aos sacerdotes cristãos como uma “espécie traiçoeira de anões”, de seres subterrâneos...*” (NIETZSCHE, 2003, p. 39).

Como podemos perceber na ácida crítica nietzscheana: nem a vida do asceta, do homem santo, tão admirada e enaltecida pelo cristianismo, escapou do arguto e contundente olhar do filósofo. Aqueles a quem a maioria das pessoas identificavam como representantes da mais pura e impressionante das atitudes— o completo e radical repúdio aos prazeres da vida — , apresentava-se aos olhos de Nietzsche, como um exemplo de uma forma extremada da orgulhosa vontade de poder. Ele, o padre, o asceta moralista:

O pensamento, acerca do qual se combate aqui, é a valoração de nossa vida por parte do padre ascético: ela (juntamente com aquilo de que ela faz parte, “natureza” “mundo”, a esfera inteira de vir a ser e da transitoriedade) é posta por eles em referência a uma existência inteiramente outra, com a qual ela está em uma relação de oposição e exclusão, a não ser que eventualmente se volte contra si própria, negue a si mesma: neste caso, no caso de uma vida ascética, a vida vale como um ponte para aquela outra existência. O asceta trata a vida como um caminho errado, que por fim é preciso desandar, voltando para onde ele começa: ou como um erro, que se refuta — que se deve refutar — pelo ato; pois ele exige que se vá com ele, ele impõe onde pode sua valoração da Existência. (NIETZSCHE, 2000, p. 95.)

Essa colocação de Nietzsche mostra o padre de ideal ascético como o guia do rebanho já adoecido e enfraquecido pela sombria mente dos guias cegos do cristianismo, que abatem para depois supostamente levantar e dar ânimo. Pois, segundo Nietzsche “*há pessoas que querem tornar a vida mais difícil para os outros, pela razão única de depois lhes oferecer sua própria receita para aliviar a vida, seu cristianismo, por exemplo*” (NIETZSCHE, 2000, p. 278). O ideal ascético pode ser visto aqui como momento de sublimação do sofrimento e de negação da vida.

pequenos torna-se baixo..." (NIETZSCHE, 1994, p. 82) . A miséria e o total fraquejar dos que muito já perderam a batalha da vida foi com que se fez o além para compensar a miséria, a fraqueza e a incapacidade. Inventaram falsos valores para se consolar da total distância dos valores dos fortes, dos que já saíram do lodo da fraqueza dos que conseguiram ir além. O cristianismo vê, enfim, nos nossos apetites mais naturais, a base para infinitas e traiçoeiras tentações. Segundo Nietzsche, os senhores da moral viveriam única e exclusivamente para sentenciar e legislar contra os nossos instintos. Não por acaso se encontraria em cada um dos "sete pecados capitais", a marca de cada uma das nossas vontades mais naturais e íntimas. O pensamento de superação de Nietzsche não pode compreender a esses fracos; aqueles, segundo Nietzsche, que inventaram os valores supra terrenos estavam embasados numa vontade de compensar a fraqueza e a tibiez de suas vidas. A esse respeito esclarece Nietzsche: "*Aquele que não sabe dispor sua vontade nas coisas quer ao menos atribuir-lhes um sentido: o que faz acreditar que já existe uma vontade nelas*" (NIETZSCHE, 1984, p. 11), o que faz o mito da salvação da alma porque não possuíam o corpo; criaram a ficção do pecado porque não podiam participar das alegrias terrestres e da plena satisfação dos instintos da vida. Este ódio de tudo que é humano, de tudo que é 'animal' e mais ainda de tudo que é matéria, este temor dos sentidos este horror da felicidade e da beleza; este desejo de fugir de tudo que é aparência, mudança, dever, morte, esforço, desejo mesmo, tudo isso significa vontade de aniquilamento, hostilidade à vida, recusa em se admitir as condições fundamentais da própria vida como a felicidade e o prazer sexual tão coagidos pela igreja. Contra esse comportamento Nietzsche no primeiro artigo de sua lei contra o cristianismo nos esclarece bem: "*Artigo primeiro — É vício qualquer forma de antinatureza. A mais viciosa espécie de homens é o padre: ele ensina a antinatureza. Contra o padre não temo razões, temo a casa de correção.*" (NIETZSCHE, 1994, p.129).

Nietzsche propôs a si mesmo a tarefa de recuperar a vida e transmutar todos os valores do cristianismo; empreitada que leva adiante como um verdadeiro reacionário contra toda forma de castração moral dos que são pregadores do viver pequeno. A terra está contaminada com esses seres. Assim nos esclarece Nietzsche (1993, p. 39) quando diz: "*Por toda parte ressoa a voz dos que pregam a morte, e a terra está cheia de seres a que é mister pregar a morte. Ou a vida eterna — que*

desilusão vê como necessidade, que o homem seja aquele que transcende a sua mais alta projeção que é Deus. A visão assustadora e desmerecedora do mundo, que segundo Nietzsche faz com que se isole da responsabilidade de ser e viver a realidade do mundo, desmerecendo-a e buscando razões para além das montanhas e nuvens. É culpa desta cultura desmerecedora da verdade; pois, segundo Nietzsche: *“A resolução cristã de achar o mundo feio e mal tornou o mundo feio e mal”* (NIETZSCHE, 1994, p.106).

Na visão de Nietzsche, o cristianismo concebe o mundo terrestre como um lugar de tristeza e dor perenes, colocando isso ante o mundo da felicidade eterna do além. A concepção assim colocada situa este outro mundo do além como o verdadeiro real e imperecível, e coloca o real e sensível como passível de abandono e negação total. Isso para Nietzsche se trata de um "um platonismo para o povo", de uma vulgarização da metafísica, que é preciso desmistificar. O cristianismo, continua Nietzsche, é a forma acabada da perversão dos instintos que caracteriza o platonismo, repousando em dogmas e crenças que permitem à consciência dotada da fraqueza que ao homem abate e escava escapar à vida, à dor e à luta, e impondo a resignação e a renúncia como virtudes. Este ponto de vista nietzscheano fica claro quando ele diz acerca da moral de decadência do cristão: *“Em lugar de dizer ingenuamente eu não valho nada, a mentira moral diz pela boca do decadente: não há nada que tenha valor; a vida não vale nada”* (NIETZSCHE, 1994, p. 20). Nietzsche via, portanto, o cristianismo como uma doença maligna que havia atacado o homem, contribuindo para que ele sucumbisse vitimado por uma espécie de doença da pequenez. A qualidade dos melhores, dos que se sobrepõe, foi minada até o mais profundo de si pela mentira da igualdade das almas; e se a crença na prerrogativa da maioria faz e fará revolução. É ao cristianismo que devemos sua difusão. Isso fica claro quando Nietzsche nos diz no seu anticristo acerca do que o cristianismo faz com o homem forte: *“O cristianismo pretende dominar homens ferozes; o meio de o conseguir é torná-los doentes – o enfraquecimento é a receita cristã para a domesticação”* (NIETZSCHE, 1994, p. 44).

São os juízos de valores cristãos que qualquer revolução vem transformar em sangue e crime. Nietzsche deixa seu horror e sua crença na total desvalorização da doutrina cristã quando diz no Anticristo: *“O cristianismo e a insurreição de tudo o que rasteja, contra tudo que está elevado: o evangelho dos*

3. A CULTURA JUDAICO - CRISTÃ E SEUS PREJUÍZOS A SUPERAÇÃO

“O cristianismo é a insurreição de tudo o que rasteja contra tudo quanto está elevado”. Nietzsche (1994, p. 58)

“*Olhemo-nos de frente. Somos hiperbóreos*” (NIETZSCHE, 1994, p.15). Este grito de Nietzsche em favor do homem, visa retirá-lo do lamaçal que a cultura do sofrimento criou. A batalha dele explícita na sua obra é em virtude da desvalorização da vida, que esta forma de pensar privilegia. O espírito de ressentimento é claramente ilustrado pelas religiões judaico - cristãs que pregam uma negação da vida. O ideal ascético significa uma decadência e uma negação dos valores da vida. E é contra esta negação que o Zaratustra de Nietzsche grita: “*Exorto-vos meus irmãos, a que permaneçais fiéis a terra e não acrediteis naqueles que vos falam de esperanças supratereestres. Conscientemente ou não, são envenenadores.*” (NIETZSCHE, 1993, p. 10). A necessidade aqui proposta é do domínio das ilusões morais e religiosas por parte do homem (o homem comum). Nietzsche entende e pratica a filosofia enquanto reação brusca e por vezes violenta contra a negação da vida levada a cabo pelas tradições moralistas como ele mesmo diz no *Ecce Homo*: “*Significaria privar a existência de seu grande caráter, castrar a humanidade e reduzi-la a uma mísera chinesice... e isso se tentou fazer! Exatamente a isso que se chama moral*” (NIETZSCHE, 2003, p. 148). Contra os anunciadores dessa moral ele grita ainda: “*São menosprezadores da vida, moribundos, intoxicados de quem a terra está cansada: que pereçam pois!*” (NIETZSCHE, 1993, p. 10).

Fica aqui bem claro que este sentimento moral e religioso exacerbado impede o progresso do homem, que é visto aqui como o caminhante que precisa seguir o caminho e é impedido. O homem é visto como o ser que está escravizado pela moral punitiva do Deus judaico - cristão. Assim sendo faz-se necessário aparecer um dos conceitos mor da filosofia nietzscheana: a morte de Deus. Com esse acontecimento, o pobre homem - verme que estava martirizado pelo sentimento de pecado pode voar livre da condenação e da punição. Isto fica bem expresso no momento em que o Zaratustra olha a multidão e anuncia: “*Noutros tempos, blasfemar contra Deus era a maior das blasfêmias, mas Deus morreu e com ele morreram esses blasfemadores.*” (NIETZSCHE, 1993, p. 10). Nietzsche na sua

O Zaratustra de Nietzsche, visto como modelo do super homem, é sem dúvida, uma obra maravilhosa e de uma abrangência espetacular que traz em si a idéia máxima aqui utilizada para a visão da alteridade. Portanto, o homem no crivo do super-homem deve ser utilizado vendo quem é o super-homem. O super-homem é livre das imposições da moral religiosa e escravista, é senhor de si e de seus pensamentos, aprendeu a viver por si só e, conseqüentemente, se superar a cada momento.

Em contrapartida ao que foi acima colocado e a tudo que o presente capítulo apresentou, o homem no crivo do super-homem é o fracasso da racionalidade humana, escravo da moral exacerbada e religiosa dos pensamentos massificados, incapaz de viver por si só. Porém com uma particularidade especial, dotado da potencialidade racional e, é por isso que ele é o alvo do Zaratustra, que o caça como verdadeiro corsário, não para fazê-lo escravo, mas para levá-lo consigo para a liberdade.

O homem no despertar de sua razão, sofre um grande problema ao dar vazão ao racional que nem sempre é a expressão das vontades escravizadoras de nossa sociedade. O homem no crivo do super-homem é aqui colocado como o que passa do entendimento à abertura. Ele é, como se elucida no início deste trabalho, semelhança do homem que se liberta da caverna. E ao conhecer a verdadeira forma, intenta voltar e compartilhar, porém sofre as retaliações como neste trecho do Zaratustra: *“Oh Zaratustra, há aqui demasiada gente que te odeia. Os bons e os justos odeiam-te e dizem que tu os despreza; os fiéis da verdadeira crença odeiam-te e dizem que és um perigo para a multidão.”* (NIETZSCHE, 1993, p. 21)

O homem enfrenta aqui também um ponto decisivo. Pois, o pensar como o super-homem traz alguns problemas no convívio social. Quando Zaratustra apregou seu discurso atraiu para si demasiados inimigos: os fiéis da dita verdadeira crença e os bons: os primeiros o odeiam por acreditarem nele um perigo para a multidão e os bons e justos pelo desrespeito que lhes relega. Todavia, realmente o super-homem é um perigo para a crença no supra-humano, e uma afronta para o sistema enganador. O clímax desse pensamento de resgate do Zaratustra culmina com a seguinte afirmação: *“Vim apartar do rebanho muitas ovelhas. É preciso que a multidão e o rebanho se irrite comigo; Zaratustra quer que os pastores vejam nele um salteador.”* O Zaratustra, neste ponto, elucida sua preocupação com o homem e já não mais se importa com conseqüências ou depreciações morais, ele simplesmente deseja impetuosamente que sejam os homens super-homens, que provem sua descoberta, que não sejam mais uma irrisão famélica do macaco. O destronamento de Deus no prólogo do Zaratustra elucida este pensamento de liberação. Pois, no pensamento do super-homem, sem Deus o homem já de posse do senhorio pode seguir sua marcha dando vazão ao seu mais precioso sentimento: a liberdade.

Nem sempre o homem quer ser livre e isto assusta o super-homem. No crivo deste o homem é aquele que, quando envolvido de suas falsas ideologias nem sequer almeja ser liberto. Zaratustra diz: *“Vede-os, a esses bons e a esses justos! A quem odeiam mais? Ao que lhes despedaça as tábuas de valores, o destruidor, o criminoso; ora esse, é o criador”*. O homem não quer ser incomodado, ele precisa estar em paz, precisa fundamentar sua auto - escravização, precisa perdoar-se por ser fraco e rejeitar a liberdade, precisa de tempo para embasar suas refutações à liberdade com base em suas tábuas de valores.

prólogo com a morte de Deus e tantas outras ilustrações, é chamar o homem para a vida, pois no crivo do super-homem o homem não vive. Isto porque o sentido da vida só pode estar centrado em si mesmo e na terra, nas suas coisas, os que assim procedem merecem as palavras de Zaratustra quando diz: *“Amo àqueles que não precisam procurar para além das estrelas uma razão para perecer e se sacrificar, mas que se imolam pela terra. Para que a terra venha a ser o império do super-homem.”* (NIETZSCHE, 1993, p. 15).

“Ao se deparar diante do homem que traz a mente nublada o único pensamento que o super-homem pode ter é o seguinte: “Eu não sou a boca que convém a estes ouvidos”. (NIETZSCHE, 1993, p. 15) No crivo do super-homem as noções de bem e mal, céu e inferno, Deus e diabo apenas são conceitos errôneos que nem ao menos permitem que se morra com dignidade. O homem enquanto ser passivo de esclarecimento, está sempre com a culpa moral na consciência. Essa imagem é clara quando o Zaratustra dialoga com um moribundo no final do prólogo, nestes termos:

Mas Zaratustra não se mexeu, e o corpo cai justamente perto dele, pisado e despedaçado, mas vivo ainda. Passado um momento o ferido recuperou os sentidos e viu Zaratustra ajoelhado a seu lado. — Que fazes aqui? Acabou por dizer. Já há muito sabia que o diabo me pregaria uma rasteira. Agora vai me levar para o inferno. Queres, impedi-lo? - Amigo. Respondeu Zaratustra, palavra de honra que tudo isso em que estás a falar não existe; não há diabo nem Inferno. A tua alma ainda há de morrer mais depressa do que o teu corpo; não tenhas pois, receio. O homem lançou um olhar desconfiado. - Se dizes a verdade não perderei nada ao perder a vida Não passo de um animal a quem ensinaram a dançar, a poder de pancadas e de fome. - Não, contrapôs Zaratustra. Fizeste do perigo teu ofício e agora vais morrer por causa do teu ofício, e atendendo a isso vou enterrar-te com minhas próprias mãos. O moribundo já não respondeu a estas palavras, mas moveu a mão como se procurasse a de Zaratustra para lhe agradecer. (NIETZSCHE, 1993, p. 20-21).

A existência doentia desse moribundo mostra a forma sinistra e doentia da vida banal; com isto afirma-se uma premissa na visão do Zaratustra: o sentido da existência é o super-homem. Assim sendo, o homem visto deste ponto ou por este crivo é aquele que caminha a trilha para o super-homem. Trilha esta que o Zaratustra propõe-se a ensinar, quando fala: *“Hei de ensinar aos homens o sentido da sua existência, quero dizer o super-homem, o relâmpago que deve jorrar da sombria nuvem humana.”* (NIETZSCHE, 1993, p. 21)

valores em pedaços um caminho sem fim, com um objetivo que se vai adiando continuamente. O super-homem é um processo infinito de não identificação a si, e Zaratustra nos elucida bem isto quando diz que: “O *homem é uma corda estendida entre o animal e o super-homem, uma corda sobre um abismo*” (NIETZSCHE, 1993, p. 12). Pois, o homem é aquele que evoluindo rumo ao super-homem, faz da felicidade a justificação da existência, faz da razão um sentimento faminto de poder, vê a virtude enquanto questionamento de bem e mal como a miséria no caminho de sua ascensão. Todas essas idéias no prólogo do Zaratustra de Nietzsche, nos levam à visão de que o homem é aquele que está a caminho não como uma meta, mas como o sentido da transição; pois, “O *que se pode amar no homem é ser ele transição e perdição*”. (NIETZSCHE, 1993, p. 15) Assim, o super-homem de Nietzsche, é aquele que eternamente se constrói.

O homem é aquele a quem, no primeiro momento, o discurso do Zaratustra não convém e nem é bem aceito. Olhando a questão da superação, o super-homem vem ser o ponto final do espaço, dividido da seguinte maneira: verme – homem - super-homem. É por isso que de posse do conhecimento do homem e de seu orgulho que o Zaratustra prossegue o discurso acentuando ainda mais. Ele aqui não só chama o homem e o faz ver que ele é ainda um ser demasiado restrito em termos de consciência, corrompido pela moral emanada pela religião e seus princípios escravizadores, como deixa bem claro que o homem é um ser angustiado e oprimido pelas amarras que a falsa moral lhe colocou.

O super-homem diz aos iniciantes da jornada para a superação: “É *perigoso vencer o abismo, é perigoso ter uma tontura e parar de repente!*” (NIETZSCHE, 2000, p. 78). Porém, isto parece de pouca importância pois o que faz o Zaratustra com seu ensinamento? Ele anuncia “a morte de Deus” e representa todo sagrado como estabelecido por uma vontade de potência humana. O super-homem de Nietzsche é, por fim, uma pregação moral, que incita a quebrar todas as antigas concepções. Os perigos, porém, desta transmutação não são escondidos, são sim mostrados como virtudes que compensam o perecer. O homem quando espreita o perecer pela causa do super-homem recebe o amor do Zaratustra: “*Amo os que só sabem viver com a condição de perecer, para que perecendo se superam*”. (NIETZSCHE, 1993, p. 15). O superar aqui é uma questão muito nítida, pois, se aqui discutido está o homem como aquele que vive na parcialidade, no abandono de si mesmo e na conformidade lastimosa, o que o Zaratustra faz no

entre o verme e o super-homem, nem é mais verme pela evolução natural, nem é super-homem pela mediocridade da condição auto - infligida que se desencadeia quando ele se volta contra sua natureza livre. Zaratustra elucida isto quando grita veemente dizendo à multidão: *“percorrestes o caminho que medeia do verme ao homem, e ainda em vós resta muito do verme.”* (NIETZSCHE, 1993, p.10) Do crivo do super-homem o homem é aquele que precisa ainda chegar à sua condição. Conseqüentemente, o super-homem é o norteador da mudança do homem aqui proposto. Esse é o seu grito. Vendo que tudo no homem é conformidade lastimosa e busca de conformidade com o geral, Zaratustra representa o tornar-se o que se é, ou seja, através de erros, tentações, experiências. O Zaratustra de Nietzsche expõe o que o motiva e sobretudo, o que ele tem de superar. Modelar é, ou melhor, deve ser somente o primeiro aspecto; o segundo mostra-se exemplar apenas na medida em que o homem que, quer encontrar a si mesmo, ou no ponto de vista desta discussão, deixar de ser o “homem” para se tomar “super-homem” precisa ter coragem de sustentar suas opiniões como de atacá-las. Na condição do homem que se modela no super-homem, o homem é um rio lamacento de conformidade que precisa se purificar. *“Na verdade o homem é um rio lamacento. É preciso ser pelo menos o mar para absorver em si um rio lamacento sem se toldar.”* (NIETZSCHE, 1993, p. 10). A resposta ao homem de como chegar a esta meta é o super-homem, e isto também fica muito bem explicitado na seguinte colocação de Zaratustra: *“Pois bem, eu vos anuncio o super-homem. É ele esse mar, nele se irá perder o vosso grande desprezo.”* (NIETZSCHE, 1993, p. 10).

Qual pode ser o maior acontecimento da vossa vida? É a hora do grande desprezo. A hora em que vos enfastie a vossa própria felicidade, a vossa razão e a vossa virtude.

A hora em que digais: que importa a minha felicidade! Não passa de miséria, imundice e conformidade lastimosa. *“Ora a minha felicidade deveria ser uma justificação da existência”.* (NIETZSCHE, 1993, p. 11).

A meta principal para o homem como o homem que caminha para super-homem, é o seu primeiro passo. Isso porque o homem neste crivo é aquele que está colocado na escolha de vencer sua conformidade auto - infringida e infringida pela vida social ou coabitar com ela. O super-homem é uma ponte, é um caminho que devemos percorrer. Ele é o resultado da vontade de potência exercida, um paradigma da virilidade e virtuosismo. Se coloca além do bem e do mal, e fez seus

2. O SUPER HOMEM COMO MODELO DE SUPERAÇÃO

Que é o macaco para o homem? Uma irrisão ou uma dolorosa vergonha, tal será o homem para o super-homem: uma irrisão ou uma dolorosa vergonha. Nietzsche (1993, p. 35)

A superação é o tema central da filosofia de Nietzsche. Assim, quase todos os temas pensados no âmbito desta, desembocam na superação como um rio no mar. Essa nossa análise primeira visa estabelecer um modelo para a superação. E por isso, elege o ícone mor da filosofia nietzscheana, "o super-homem" para seu modelo.

A moral do super-homem nos estabelece um outro mundo, uma outra ética e uma outra moral. E é a partir da nova moral que apregoa Nietzsche que se desenvolverá o nosso trabalho acerca da superação do homem.

No momento em que o Zaratustra de Nietzsche desce da montanha, ele se depara com a cegueira e incapacidade humana. Então, encarna a descoberta de uma nova e deliciosa liberdade. Assim, no ápice do contentamento, como o iluminado da alegoria da caverna, ele volta e encontra a humanidade na ignorância. Neste instante, como quem tem um presente, ele quer compartilhar e é frustrado. Pois além do super-homem, homens não podem experimentar esse sentimento: o desejo de superação.

O Super-homem é aquele que será o doador do amor dispensado aos homens. Ele diz: "*amo os homens*" (NIETZSCHE, 1993, p. 8) é por isso que volta a dar-lhes a sabedoria; o super-homem não dá esmolas é maior sua complacência com o humano. O homem ainda não superado, o humano meramente, na visão nietzscheana impressa no Zaratustra é apenas algo que enquanto tal, precisa ser superado (NIETZSCHE, 1993, p. 12), e o Zaratustra vai mais longe, o homem normal é medíocre: "*só existe para ser superado*", pois a negação deste de superar-se, o arrasta a mediocridade animal. Estando o homem nesta condição, posso destacar aqui a lacuna que dá autenticidade à distância entre o homem e o super-homem. Quando Zaratustra diz: "*que é o macaco para o homem? Uma irrisão ou uma dolorosa vergonha, tal será o homem para o super-homem: uma irrisão ou uma dolorosa vergonha*". (NIETZSCHE, 1993, p. 12).

O homem, neste contexto, como homem e enquanto tal é o que necessita de qualquer forma, entender e assumir sua superioridade. É aquele que se coloca

1. INTRODUÇÃO

A consciência plena de um estilo e de uma missão a cumprir, o prazer em aturdir e subjugar, o amor pela vida em sua posição mais elevada. Aí está o que desconcerta e incomoda em Nietzsche e o que me faz escrever sobre ele. O mesmo domina com virtuosidade, os artifícios da sugestão, sabe destacar com vigor, posição e situações fundamentais diante do mundo e das coisas, delinear um retrato do homem e conferir-lhe o esplendor de um ídolo.

Este trabalho visa desenvolver o germe do super-homem. Trata-se de uma abrangente reforma que procura dar um senso de propósito a uma existência na terra abandonada pela deidade. Quero mostrar que os interesses de poucos deverão ter proeminência sobre todos os demais. Que a força do espírito sobrepujara a fraqueza, a saúde do espírito sucedera qualquer tibieza; e a guerra dos espíritos substituirá a paz. Como consequência lógica disso, as necessidades dos indivíduos excepcionais terão sempre precedência contra o espírito nivelador estabelecido pela gravitação imposta pela mediocridade de nossa cultura escravista. O mundo do senso comum, dominado pela pasmaceira da vida rotineira deverá dar lugar à audácia, à dança, e à destreza intelectual. A de viver-se perigosamente.

Nietzsche (1984) disse em *Crepúsculo dos Ídolos* que: "o valor de uma coisa consiste não no que se ganha ao adquiri-la, mas sim no que se faz para se obtê-la". Com isso, justifico que o meu valor será alcançado se apenas um espírito medíocre trilhar o caminho para o super homem.

O homem chegou pelo costume a conclusão de que é preciso obedecer. Mostrarei o inverso disto. Ou seja, que existe o prazer, a autodeterminação e a liberdade de vontade. Procuro mostrar que é possível ser a dinamite moral contra a pequenez pré-estabelecida.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	06
2. O SUPER-HOMEM COMO MODELO DE SUPERAÇÃO.....	07
3. A CULTURA JUDAICA – CRISTÃ E SEUS PREJUÍZOS À SUPERAÇÃO.....	13
4. O CAMINHO PARA A SUPERAÇÃO: A TRANSVALORAÇÃO.....	22
5. O HOMEM QUE SE SUPEROU.....	28
6. CONCLUSÃO.....	34
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	35

FOLHA DE AVALIAÇÃO

Examinada em ____/____/____.

Mestre JOSÉ JOAQUIM NETO
Mestre em Educação
Professor

JOSÉ GERALDO DA TRINDADE
Especialista em Docência Universitária
Professor

JOSÉ JOÃO NEVES L. B. VICENTE
Orientador

À mim mesmo, Wanderson Barbosa, um homem que se superou.

WANDERSON ALVES BARBOSA



SUPERAÇÃO HUMANA: A PROPOSTA LIBERTADORA DE NIETZSCHE

Monografia apresentada como exigência para conclusão do curso de Filosofia da Faculdade de Ciências e Educação de Rubiataba – FACER, como requisito avaliativo na disciplina TCC II.

Orientação: prof.: José João Neves L. B. Vicente

S. 30718

Tombo nº	10684
Classif.:
Ex.: 1
.....
.....
Origem:	d
Data:	29-09-05

RUBIATABA

2005